

IMPRESSO

CPMTRATP Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L • E • T • R • A • S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 15

Suplemento Cultural  
Maio/junho/1995

*Yes,  
nos temos  
cinema*

*✓ 100 anos*

*Zuléka, a formiga sapeca*



# LIMA BARRETO

## O Mártir de Uma Raça

■ Jorge Nunes

Nesta data histórica de 13 de maio, em que relembramos os 107 anos da enganadora libertação da escravatura no Brasil, lembro-me também com pesar e tristeza de Afonso Henrique de Lima Barreto, negro, pobre, nascido no Rio de Janeiro no dia e mês de assinatura da Lei Áurea, mas no ano de 1881, portanto sete anos antes da sanção da lei que aboliu a escravatura pela Princesa Izabel.

Em 1887 (um ano anterior à lei), Lima Barreto é iniciado na Escola Pública com brilho e nesse mesmo ano sofre terrivelmente com a morte de sua mãe. Concluiu os estudos superiores em 1896 e no ano seguinte ingressa na Escola Politécnica. Em 1902 é chamado para colaborar em A Lanterna, órgão oficioso da mocidade das Escolas Superiores.

Entre os anos de 1903 e 1904, seu pai enlouqueceu, mal que viria a surpreendê-lo, também, em 1914, quando fora recolhido pela primeira vez ao Hospício Nacional, talvez levado pelo excesso de trabalho intelectual, profissional, além das saudades da mãe que morrera quando ainda era menino e do pai que enlouquecera quando tentava superar os traumas sofridos na infância fortemente marcada pelos sofrimentos também de sua raça recém "libertada". Tudo isso, creio, levou-o a conduzir uma vida boêmia que tudo indicava ser uma despedida, mesmo porque pas-



sou a trabalhar em suas obras literárias com mais afinco e tenacidade.

Morreu em 1º de novembro de 1922, no Rio de Janeiro, cidade onde nascera, sendo hoje reconhecidamente um dos melhores escritores que o Brasil já teve. Suas obras dispensam comentários e enumerações.

Meu pesar e minha tristeza é por ter sido um verdadeiro mártir da raça negra que morreu em total pobreza apesar dos talentos reconhecidos por todos.

Quanto ao 13 de maio de 1888, a verdadeira Lei Áurea, na minha concepção só teve início na década de 30 com o advento das Leis Trabalhistas implantadas pelo Presidente Getúlio Vargas, iniciando a sua descensão a partir de 1964. Naquela época as reformas de base verdadeiras, propostas pelo então presidente João Goulart tendo a frente a agrária ou seja, a distribuição de terras com assistên-

cia total ao campo, foram confundidas com reformas comunistas. Como terminou a história todos nós sentimos na carne.

Hoje o Brasil parece ter tudo para a realização de uma reforma verdadeiramente democrática, sem medo do fantasma do comunismo para nós colocarmos o Povo e a Pátria no verdadeiro lugar que o "destino" nos reservou como coração do mundo, Pátria do Evangelho, que é a vontade de Deus. Porém, Ele não interfere no livre arbítrio dos homens.



**Cláudio Monteiro**  
PPS

*Não existe no mundo bem mais necessário e de fácil acesso do que a leitura. Ela nos proporciona uma bagagem rica de cultura e informação. Infelizmente, os nossos jovens estão perdendo este hábito e consequentemente a vontade do saber. É nosso dever incentivar e tornar acessível às novas gerações o gosto pela leitura. Assim como ocorre em outros estados, defendemos para o DF o programa de leitura de jornais em salas de aula. Vamos levar para o cotidiano escolar o universo da leitura, preparando a juventude para o exercício da cidadania.*



**Antônio José Cafu**  
PT

*Cultura é o acúmulo de conhecimento, mas é também a valorização do lado lúdico do ser humano, o investimento no prazer, a possibilidade do pleno desenvolvimento.*

*Entretanto, atuar na área cultural, ser produtor cultural no DF não é nada fácil.*

*A imagem estereotipada que nos vem a mente é de alguém com o pires na mão.*

*Bem podemos imaginar como é trabalhar com a falta de patrocínios, incentivos e até investimentos públicos.*

*Mas se nós parlamentares não nos conscientizarmos quando formos chamados a votar sobre gratuidade em eventos, faltará mais; faltará quem queira produzir esses eventos.*

*E aí, quem responderá por isto?*

**Benício  
Tavares  
PP**



*Descontinuidade administrativa e a falta de zelo com atividades consideradas menores formam uma espécie de sociedade burocrática, historicamente prejudicial à cultura. Quando homens públicos deixam de lado as divergências ideológicas e mantêm, e até ampliam, projetos iniciados em gestões passadas, cabem referências e elogios. No caso mais recente, faz-se necessário ressaltar a expansão da atividade cultural nos assentamentos, com a implantação de bibliotecas públicas como a de Santa Maria.*

**Luiz  
Estevão  
PP**



*Poderá ser votado, ainda no primeiro semestre, o projeto de lei nº 33/95, do deputado Luiz Estevão (PP), que reduz para apenas 2% a alíquota do Imposto Sobre Serviços (ISS), cobrado na realização de espetáculos públicos como bailes, shows, festivais, recitais, peças teatrais, espetáculos de dança e congêneres. A diferença da tributação incidente sobre a promoção de espetáculos públicos tem-se constituído ao longo dos anos em elemento inibidor da difusão cultural no Distrito Federal. Espetáculos produzidos em outros estados, na maioria das vezes, deixam de ser apresentados ao público local, pela elevada tributação. Os nossos produtores culturais consideram o tributo cobrado como um grande obstáculo para a divulgação do trabalho produzido.*

O Teatro experimental negro procurou denunciar as condições impostas aos africanos em séculos de escravidão



## Da Senzala Para os Palcos

*Neste ano o Teatro Experimental Negro completa 50 anos de história*

O dia 8 de maio marca não apenas a vitória aliada na Segunda Grande Guerra. Também há 50 anos, outro evento acontece, este de importância local: a estréia do Teatro Experimental do Negro, grupo criado por Abdias do Nascimento e companheiros, que o conceberam "fundamentalmente como instrumento de redenção e resgate dos valores negro-africanos", como lembra Abdias em **Quilombismo**, livro de 1980.

O TEN foi fundado em 1944, mas seu primeiro espetáculo ocorreu a 8 de maio de 1945 - a única data disponível no Teatro Municipal do Rio de Janeiro -, em meio aos fogos com que se festejava o fim da Guerra Mundial. O texto era o **Imperador Jones**, de Eugene O'Neill, um dos maiores dramaturgos de língua inglesa, que dispensaria cumplicemente seus direitos autorais, colaborando com a montagem brasileira.

Brutus Jones - note o nome -, carregador de malas numa estação ferroviária, perde a inocência: aprende a roubar e matar. Comete um assassinato, foge, chega a uma ilha das Índias Ocidentais e, lá, torna-se imperador. Explora a tribo até experimentar sua revolta, que o obriga, de novo, a fugir e finalmente o conduz à morte. A peça de O'Neill recusa os moldes naturalistas e renova, com seu expressionismo, a norma teatral norte-americana de 1920. O intérprete brasileiro de Brutus Jones foi Aguinaldo Camargo.

Ator, dramaturgo, professor e ex-senador pelo PDT, Abdias do Nascimento publica, em 1961, a coletânea **Dramas para Negros e Prólogo para Brancos**, com peças de diversos autores, inclusive Lúcio Cardoso e o esquecido Rosário Fusco, encenadas pelo TEN. No Prólogo, ele propõe questões em torno da arte africana e suas filiações históricas, constatando: "Ser e viver como negro não é uma

peripécia comum no Ocidente”.

Um amigo diria de Abdias, com ênfase: “O único negro com plena, violenta, trágica consciência racial. Um negro exultante de o ser”. Para ele, não basta denunciar as condições impostas aos africanos em séculos de escravidão; é preciso recuperar os valores dispersos na diáspora.

O ator trabalhou noutras montagens, além das do TEN. Fez o papel cômico-grotesco de Jubileu de Almeida, o deputado tarado de **Perdoa-me por me Traíres**, de Nelson Rodrigues - o amigo citado acima -, peça que estréia com escândalo em 1957, no Teatro Municipal. Jubileu atinge, a certa altura, o clímax sexual recitando um ponto de Física diante de uma normalista assustada, adolescente a quem o deputado pede que lhe dê atenção e que não o interrompa: “Eu não posso ser interrompido”, implora.

O humor anárquico de Nelson chocou parte da platéia, cujo conservadorismo pode ter sido fustigado ainda pelo fato de um ator negro apresentar-se no papel do dr. Jubileu, parlamentar chamado pelos jornais de “reserva moral da Nação”.

**Premissas políticas** - “A abolição da escravatura consistiu num ato de natureza



**O negro ainda luta para romper o preconceito**

absolutamente jurídica”, escreve Abdias em **O Quilombismo**. A fraude da alforria já contava décadas. Ele explica: “Antes de 1888, os africanos livres, isto é, os doen-

## Menções Sumárias

Abdias do Nascimento pesquisa e, com apoio em autores como Roger Bastide, compreende a existência do fenômeno cênico na África centenária, ligado, na origem, às práticas rituais. Ele acentua a diferença básica entre esse teatro e o que se desenvolveria na Europa: a importância dada ao texto. A palavra para o ator africano, “é apenas um dos elementos de uma expressão global” - expressão em que ressaltam a mímica e os movimentos de dança. Acrescenta: “Esse teatro, que quase desconhece o drama escrito, brota, original e puro, de cada representação”.

O TEN levou à cena alguns textos clássicos - Othelo, de Shakespeare, foi realizado em 1946 com Abdias do Nascimento no papel do Mouro e Cacilda Becker como Desdemona. Em 1948, conjuntos diversos foram convidados a lembrar os cem anos de morte de Martins Pena. Atores do TEN participaram da montagem de *A Família e a Festa na Roça*.

Peças como *Auto da Noiva*, de Rosário Fusco, e *Aruanda* seriam escritas para o grupo. O folclorista Joaquim Ribeiro, autor de *Aruanda*, “soube transpor para o palco seus conhecimentos sobre a herança africana”, diz Cássio Emanuel Barsante em *Santa Rosa em Cena*, livro dedicado ao cenógrafo Tomás Santa Rosa, que compôs o ambiente do revolucionário *Vestido de Noiva* em

1943 e colaboraria, ainda nos anos 40, com o TEN. Barsante prossegue: “Joaquim Ribeiro soube explorar os elementos rítmicos, como o samba, no primeiro ato, a toada fúnebre do segundo ato e a dança misteriosa de coreografia selvagem no último”.

Não cabe fazer, aqui, o julgamento estético do Teatro Experimental do Negro, que conhecemos apenas - e pouco - através de textos e fotos. Cabe lembrar que artistas respeitáveis, como Ruth de Souza, Haroldo Costa, Léa Garcia, José Maria Monteiro, dele participaram. E registrar o fato de que alguns dos livros em que se conta a história do teatro brasileiro moderno se limitem a breves menções ao TEN, quando não o ignoram.

Não existem referências extensas ao grupo na historiografia mais conhecida. É possível, no entanto, encontrar nas livrarias um trabalho como *O Negro e o Teatro Brasileiro*, de Miriam Garcia Mendes. A autora dedica porção significativa de seu texto à trajetória do grupo, que viveria até 1968, embora sua fase mais produtiva tenha sido a dos cinco primeiros anos.

À volta do TEN, iriam realizar-se atividades diversas, como concursos de beleza negra. Os propósitos do grupo, de acordo com o próprio Abdias, eram mais que teatrais e visavam basicamente fortalecer a autoconfiança e a auto-estima dos brasileiros.



**Tadeu Filippelli**  
PP

*Criado no governo passado, o Pólo de Cinema e Vídeo não recebeu, até o momento, a atenção necessária considerando sua importância para a vida cultural de Brasília. Reverenciado, quando de sua criação, por importantes nomes do meio cultural nacional, o Pólo de Cinema e Vídeo sofrerá nesse governo, ao que tudo indica, a pior praga existente na nossa política que é a do descontinuidade administrativo. A reativação, portanto, da produção do Pólo de Cinema e Vídeo é uma necessidade, preeminente, de uma cidade sedenta de atividades culturais.*



**Jorge Cauhy**  
PP

*Os moradores das cidades satélites, que contam com restritas opções de lazer, teriam muito a lucrar, caso o Governo decidisse levar adiante um programa cultural dirigido especialmente às áreas mais desprovidas de salas de espetáculos. De minha parte, aqui vai a sugestão para que a Orquestra Sinfônica de Brasília, por exemplo, faça quinzenalmente uma apresentação em uma cidade satélite previamente escolhida. Acima do espetáculo de lazer, a música representa valores de elevação de um povo.*

## Lúcia Carvalho PT



*O Pacote de Obras foi anunciado pelo Governador Cristovam Buarque. Entre as obras anunciadas está a esperada reforma geral do Teatro da Praça de Taguatinga, uma antiga reivindicação dos moradores da satélite que desde a primeira legislatura, lutamos para aprová-la.*

*Também neste pacote, que envolve recursos na ordem de R\$ 83 milhões, estão previstas as reformas dos Teatros de Sobradinho e Guará.*

*Sinto-me satisfeita em representar na Câmara Legislativa um Governo que valoriza as questões culturais de nossa cidade*

## Rodrigo Rollemberg PSB



*O Projeto Orla, com o apoio da Secretaria de Turismo, prevê a construção de cinemas, teatros, anfiteatros, galerias e museus.*

*Revitalizando áreas que hoje são destinadas à cultura mas encontram-se sub-utilizadas, a exemplo da Concha Acústica e do Museu de Arte de Brasília.*

*Não bastasse esse aspecto, tem o mérito de criar, e formar platéias a partir de investimentos privados em lazer e cultura. O que permite ao Estado canalizar seus esforços e investimentos para o que dele se espera: criar empregos, fornecer saneamento, incentivar a cultura. Todo apoio ao Projeto Orla, pois ele também é cultura!*

tes, aleijados, idosos, os imprestáveis pelo esgotamento do trabalho intensivo, eram compulsoriamente **libertados**. Na prática significava que os senhores se autolibertavam de qualquer responsabilidade em fornecer-lhes alimentos, roupas e moradia e se exoneravam de qualquer tipo de ajuda aos **livres**, abandonando-os à morte lenta”.

“Seguindo idêntica lógica, a **abolição** significou o mesmo tratamento, só que agora aplicado em massa: os africanos escravos e seus descendentes, algumas centenas de milhares, se viram atirados a uma **liberdade** que lhes negava o mínimo apoio material.” estranha situação, talvez pior que a anterior: “Agora havia a prostituição da mulher negra, a criminalidade do negro, a delinquência da infância negra”.

Antes e depois da Abolição, a autoestima de africanos e descendentes sofreria, assim, ataques constantes e brutais. Tratados de maneira tão hostil, os negros tinham de reagir. E reagiram. “Fugas, furtos e crimes de cativos contra proprietários e feitores” dão oportunidade a certo discurso conciliatório - e conservador - em torno da escravidão.

A estudiosa Flora Sussekind, no artigo “As Vítimas-Algozes e o Imaginário do Medo”, que consta dos **Papéis Colados** publicados em 1993, mostra como a direita imperial também elaborou a sua retórica abolicionista - que não foi prerrogativa de liberais. Escritores como Joaquim

Manoel de Macedo, em nome do interesse patronal, demonizaram o negro, pintando-o como perigoso em sua sede natural de revanche. Macedo, nas novelas editadas sob o título de *As Vítimas Algozes*, em 1869, “constrói um perfil aterrorizante para o escravo, misto de tigre e serpente, de vítima e algoz, capaz de atacar quando menos se espera”, nota Flora. Joaquim Manoel de Macedo, preocupado com a segurança dos senhores, pede a libertação dos escravos.

O sincretismo impôs-se para driblar a repressão religiosa; a capoeira mascarou-se de dança quando foi, na origem, uma técnica de luta. Nomes como os de Zumbi ou Chico-Rei, que, pela persistência em perseguir a liberdade, comprando a alforria com seu trabalho, ou pela índole guerreira, desafiaram a Coroa portuguesa, estiveram por muito tempo riscados da História oficial - não por acaso, a que se ensina nas escolas.

Abdias e grupo compõem as suas premissas políticas com a verificação desses fatos. Não basta, porém, a mera guerrilha retórica, mas se faz necessário resgatar as tradições plásticas e musicais africanas, sem passadismo: “Ser fiel às raízes é um ponto de partida, não um retorno ao passado quietista ou à tradição petrificada”. A música, popular e erudita, e a obra de artistas plásticos - é o caso do baiano-brasiliense Rubem Valentim - fornecem exemplos excelentes de como aproveitar aquelas fontes.



**A abolição não trouxe a tão sonhada liberdade**